

Compreendendo os significados das emoções e sentimentos em indivíduos autistas no ambiente aquático

Understanding the meaning of emotions and feelings in autistic individuals during aquatic activities

Daniela Amorim dos Santos¹; Lara de Araújo Miranda²; Emília Amélia Costa Pinto da Silva³; Petrucio Venceslau de Moura⁴; Clara Maria Silvestre Monteiro de Freitas⁵

¹Graduanda em Educação Física – Escola Superior de Educação Física/UEPE-Recife. Bolsista de Iniciação Científica do CNPq 2010-2011. Recife, PE – Brasil.

²Graduanda em Educação Física – Escola Superior de Educação Física/UEPE. Recife, PE – Brasil.

³Doutoranda em Educação Física – UFPR. Curitiba, PR – Brasil.

⁴Professor Mestre – IFPE. Barreiros, PE – Brasil.

⁵Professora Pós-Doutora – Escola Superior de Educação Física – ESEF/UEPE. Recife, PE – Brasil.

Endereço para correspondência

Emília Amélia Pinto Costa da Silva
R. Dr. Carlos Bruno Breithaupt, 410, fundos, Jardim das Américas
81510-150 – Curitiba – PR [Brasil]
milapcosta@hotmail.com

Resumo

Introdução: O autismo é um transtorno do desenvolvimento que consiste em uma alteração do sistema nervoso central, ocasionando problemas no comportamento. Entretanto, a prática da natação tem auxiliado na socialização dos portadores. **Objetivo:** Analisar as manifestações emocionais influenciadas pela prática aquática em crianças autistas. **Métodos:** Trata-se de uma pesquisa descritiva, de abordagem qualitativa. Participaram do estudo seis crianças que frequentam regularmente a Fisioclínica de Casa Forte, Recife (PE). Os instrumentos utilizados foram questionário sociodemográfico, roteiro de entrevista semiestruturada e de observação. **Resultados:** As crianças demonstraram ansiedade antes de entrarem na piscina, mas, após, mostraram entusiasmo, alegria e sentimento de calma. No término das aulas, 50% delas resistiram em sair da água, sugerindo interesse em permanecer na aula. As participantes interagiram mais com brinquedos do que entre si ou com a professora. **Conclusão:** O trabalho realizado de forma lúdica proporcionou às crianças um ambiente prazeroso, contribuindo no desenvolvimento biopsicomotor e emocional.

Descritores: Emoções; Natação; Transtorno autístico.

Abstract

Introduction: Autism is a developmental disorder that consists of changes in the central nervous system, causing behavioral problems. However, the practice of swimming has been helping with the socialization of these individuals. **Objective:** To analyze the emotional manifestations influenced by aquatic activities in autistic children. **Methods:** A descriptive study of qualitative nature was carried out. The study included six children who regularly attend Fisioclínica Casa Forte, Recife (PE). The instruments used were a socio-demographic questionnaire and a script of semi-structured interviews and observation. **Results:** Before entering the swimming pool, the children showed anxiety; but, afterwards, they showed enthusiasm, happiness and calmness. At the end of class, 50% of them did not want to leave the pool, suggesting interest in staying in class. The participants interacted more with toys than with each other or with the teacher. **Conclusion:** The work done in a playful way provided the children with a pleasant environment, contributing to their psychomotor and emotional development.

Key words: Autistic disorder; Emotions; Swimming.

Introdução

O autismo é um transtorno invasivo do desenvolvimento, ocasionado por uma alteração do sistema nervoso central. Os indivíduos portadores apresentam problemas de comportamento, como hiperatividade, dificuldade de prestar ou manter a atenção, tendência a fixar mais atenção nas partes do que no todo e impulsividade, além de comportamentos agressivos, destrutivos e autodestrutivos^{1,2}. Nesse aspecto, Matsukura³ afirma que o autismo não tem uma única etiologia, mas define-se como uma síndrome comportamental com diversas alterações, tais como desvios na imaginação, linguagem e interação social, podendo ser leve ou de um nível mais severo.

Nesse contexto, sabe-se que pessoas com autismo apresentam características distintas das demais, devido à necessidade de uma mediação considerável para se comunicar, memorizar, ter atenção, contextualizar e desenvolver o raciocínio lógico e a linguagem, visto que o principal comportamento que se caracteriza é a dificuldade em instituir um modo adequado de comunicar-se com o meio social. Isso não significa que o autista não se comunique, apenas não utiliza a fala com o objetivo de socialização^{4,5,6}. Conforme Galvão⁷ é comum crianças com deficiências crescerem com limitações no que diz respeito à interação com o meio que as cerca, no qual suas potencialidades não são valorizadas, pois o meio as tornam indiferentes, devido a suas limitações motoras e sociais. Nessa perspectiva, a atividade física aparece como um fator imprescindível para que o sujeito possa alcançar a dimensão total da inclusão social⁸.

Sendo a natação uma das mais completas entre as atividades físicas por oferecer estímulo motor aquático, proporcionando a partir do meio líquido a experiência de um espaço motivador que permite uma diversidade de movimentação⁹. Conforme a Association of Swimming Therapy¹⁰, o meio aquático possibilita aos indivíduos vivenciar a sensação de liberdade e satisfação com maior independência na água.

No estudo realizado por Picanço¹¹, a conquista de novos movimentos passa por processos específicos no meio líquido. Esta atividade proporciona aos indivíduos, de forma gradativa, a descoberta do mundo que o rodeia. Assim, para Lô et al.¹², a inclusão de autistas em atividades aquáticas pode acarretar mudanças nas características típicas deste grupo, além de motivar a criança a vivenciar diversos estados emocionais. Nessa perspectiva, nas atividades aquáticas, as crianças apresentam vários tipos de manifestações emocionais, uma vez que nessa prática existem atividades próprias que podem causar alegria ou medo, variando de acordo com a criança.

Sob essa dimensão, Lô et al.¹² ressaltam que as emoções podem assumir características tanto prazerosas quanto não prazerosas, expressas por estímulos reconhecidos pela criança que, aos poucos, constrói um banco de memória com as suas emoções e a reação dos seus pais. Com isso, suas representações emocionais são construídas e desenvolvidas, podendo ser utilizadas na comunicação.

Desse modo, a compreensão da emoção e seus significados não altera sua expressão baseada na necessidade de comunicação¹³, mas numa perspectiva social que, junto com as outras funções educativas, vai desenvolvendo um sistema socioeducativo. Todavia, são escassos estudos que tratam a relação entre emoção e crianças com autismo no contexto das atividades aquáticas. Portanto, neste estudo, objetiva-se analisar as manifestações emocionais influenciadas pela prática aquática em crianças autistas.

Metodologia

A pesquisa caracterizou-se como descritiva, de abordagem qualitativa. Participaram deste estudo seis crianças autistas, praticantes de natação na Fisioclínica de Casa Forte, situada na cidade de Recife (PE), juntamente com seus pais/cuidadores. Os critérios de inclusão estabelecidos foram crianças com autismo que

frequentassem regularmente as aulas de natação. Excluíram-se aquelas que, além de autismo, apresentassem outros diagnósticos.

Como instrumento, empregou-se um questionário sociodemográfico, com intuito de identificar o perfil das crianças e seus pais/cuidadores. O segundo instrumento utilizado foi um roteiro de entrevista semiestruturada, que contemplou 12 questões, referentes à história de vida das crianças, tais como de que maneira transcorreu a gravidez e o parto, a descoberta do autismo, as dificuldades que os pais/cuidadores tiveram no início, se a criança possui irmãos e qual a reação deles diante das características da autista, quais profissionais acompanharam a criança portadora. Ressalta-se que cada entrevista durou, aproximadamente, 40 minutos. E, por fim, ocorreu um acompanhamento individual por meio de um roteiro de observação das aulas de natação, neste, focalizava-se na criança a partir de sua entrada até a sua saída, de modo a identificar seu comportamento no ambiente aquático, com o intuito de analisar os benefícios biopsicossociais e a interação entre o professor e os alunos no tocante as emoções expressas pelas crianças nas aulas.

A aula de natação das crianças tinha duração de 30 minutos e sempre era ministrada pela mesma professora. O período de coleta de dados ocorreu de outubro de 2010 a janeiro de 2011. O roteiro de observação foi aplicado individualmente, ou seja, cada criança foi observada durante uma aula.

Na análise das informações coletadas, primeiramente as entrevistas foram transcritas na íntegra, logo após, categorizadas a partir da análise de conteúdo de Bardin¹⁴ do tipo temático. No que concerne às questões fechadas, foram organizadas no programa Statistical Package for Social Science (SPSS), versão 10.0.

Todos os pais das crianças voluntárias assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e foram respeitadas as diretrizes regulamentadas pela Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde – MS, sendo o projeto aprovado

pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade de Pernambuco, com o número CEP/UPE – 108/10.

Resultados

Para caracterizar os sujeitos pesquisados, observou-se a média de idade das crianças (7,33 anos \pm 3,63 anos) e também a de seus pais/cuidadores (42,33 \pm 11,81 anos). Verificou-se que metade delas eram filhos únicos, enquanto a outra metade possuía apenas um irmão. Todos os responsáveis afirmaram não pretender adotar ou ter outro filho, e a justificativa mais relevante foi financeira, seguida por desgaste físico e mental.

No que diz respeito ao “histórico de vida das crianças”, quando questionadas sobre a gestação, 66,6% das mães declararam que não tiveram dificuldades na gestação, seguido de 33,4% que apresentaram sangramento, ansiedade ou dilatação insuficiente no parto. Quanto às dificuldades no período pós-natal, 66,7% das mães de crianças autistas apresentaram dificuldades, como, por exemplo, a falta de conhecimento e experiência em lidar com as características dos autistas. Quando se questionou sobre os especialistas que atenderam as crianças, foram citados fisioterapeuta, terapeuta ocupacional, fonoaudiólogo, dentista, psicólogo e professor de Educação Física. Ressalta-se que todos os sujeitos foram atendidos pelo profissional de Educação Física.

Em relação a características típicas do autismo, foi relatado nas entrevistas que as crianças apresentaram movimentos repetitivos e regressão comportamental nos primeiros anos de vida, além de comportamentos incomuns, problemas de comunicação, movimentos estereotipados e maneirismos. Quanto aos relacionamentos afetivos, apenas 33,3% das crianças possuíam amigos.

Por intermédio da observação, no momento que precede a entrada na piscina, verificou-se que as crianças autistas demonstraram ansiedade, quadro que se apresentou alterado no

momento da passagem para o meio líquido, demonstrando emoções, como entusiasmo, alegria e sentimento de calma. Com relação à “interação nas aulas”, a análise remeteu a três categorias analíticas, sendo elas: “Interação das crianças com a professora, Interação com brinquedos e Interação com demais crianças”. De acordo com a interação com a professora, os indivíduos autistas não apresentaram troca de olhar, repeliram o toque, porém em alguns momentos ocorreu um peculiar encontro afetivo, visto que algumas crianças por meio de demonstração de carinho encostaram seu rosto no dela ou acariciaram-no, principalmente quando conquistaram o objetivo proposto pela professora.

Quanto à interação com os brinquedos, constatou-se que as crianças autistas fixaram seu olhar num determinado brinquedo, e quiseram mantê-lo na mão durante toda a aula, mesmo quando não era o momento do brincar. A respeito da interação das crianças autistas, observou-se que as aulas foram geralmente individuais, pois quando realizadas de forma coletiva uma criança autista repudiava a aproximação dos colegas também autistas, apesar de algumas delas manifestarem interação com as mais próximas, em certos momentos.

Observando-se as aulas foi possível analisar a expressão dos sentimentos das crianças na prática aquática – no momento do mergulho e na realização das atividades e exercícios próprios da natação. Assim, verificou-se que as crianças permaneciam atentas à voz da professora; entretanto, ao fixar o olhar em algum brinquedo tornavam-se dispersas. Foi constatado que as aulas de natação são realizadas de forma individual, conduzida por profissionais especializados, e que o número de crianças dentro da piscina não parece interferir em seu comportamento.

No término da aula e no momento de mudança do meio aquático para o terrestre, 50% das crianças apresentaram resistência, não querendo sair da água, mostrando que mesmo ao resistir em alguns momentos às atividades propostas pela professora, existia um interesse em permanecer na aula.

Discussão

De acordo com o perfil sociodemográfico, os pais demonstraram não pretender adotar ou ter outro filho, e alegaram existir desgaste físico e mental, dessa forma, sugerindo haver dificuldade nos cuidados a criança autista. Segundo Sanefuji e Ohgami¹⁵, essas dificuldades começam a apresentarem-se aos 18 meses, caracterizadas por problemas de comunicação e atenção aos parceiros sociais, aos objetos e eventos, além do fraco desenvolvimento da capacidade de imitar ações.

Portanto, a presença de uma criança autista altera a situação familiar pelo fato de cessarem suas atividades sociais normais, afetando o estado emocional de seus integrantes¹⁶. Contudo, apesar do desafio em criar um filho com deficiência, essa experiência pode ser uma das mais gratificantes para os pais¹⁷. Ter uma criança especial vai da superação ao privilégio, o que torna a família especial, ultrapassando as barreiras de comunicação e integração com seu filho, sendo necessários paciência e muito amor¹⁸.

A criança autista deve ter acompanhamento profissional. Conforme Silva e Mulick¹, quando confirmado o diagnóstico da patologia, é preciso definir quais serão os profissionais necessários para acompanhar o portador, tais como terapeuta ocupacional, fisioterapeuta, fonoaudiólogo, neurologista, geneticista, profissionais que trabalhem com problemas do sono, alimentação e comportamento da criança. De acordo com Fernandes¹⁹, cabe ao profissional compreender a necessidade desse paciente de ter alguém que se encante, sonhe, sorria, se alegre e compreenda de forma afetuosa seu mundo.

Entre as técnicas utilizadas nos tratamentos de sujeitos autistas, Sanefuji e Ohgami¹⁵ relatam respostas sociais significantes em frequência e duração quando estas são imitadas por suas mães ou mesmo adultos desconhecidos, principalmente no que diz respeito à capacidade de atenção. No mesmo sentido, a pesquisa de Pires et al.²⁰, por meio de um estudo de caso, submeteu uma criança autista a sessões de ativi-

dades lúdico-recreativas, identificando evolução na criança referente à sensibilidade, às experiências motoras, à interação social e concentração.

Assim, Potvin et al.²¹ afirmam a necessidade de integrar crianças com traços autistas em atividades recreativas, pois elas possuem menor variedade de atividades do que as crianças não autistas na mesma faixa etária, limitação também percebida quando analisado o contexto em que estas atividades ocorrem, preferencialmente próximo a suas casas, sozinhos ou com familiares.

No estudo aqui apresentado, identificaram-se algumas dificuldades que as crianças pesquisadas apresentaram nos primeiros anos de vida, como, por exemplo, problemas de comunicação e movimentos repetitivos, dificuldades também referidas por Valicenti-Mcdermott²², além disso, constatou-se que poucas crianças possuem amigos.

Tais dificuldades podem ser amenizadas durante as atividades de caráter lúdico, como a natação, na qual foram identificados sinais de entusiasmo e de alegria das crianças ao participarem das aulas. Potvin et al.²¹ pesquisaram a participação de crianças autistas em atividades esportivas, tendo a natação (66,67%) a maior frequência de relatos. Conforme Lô e Goerl²⁴, no decorrer da aula diversas emoções são expressas, visto que de acordo com as autoras, enquanto as crianças executam as atividades, a alegria se dá por meio da vibração dos professores e do próprio aluno quando este realiza corretamente o que lhe foi pedido; e o medo surge no momento em que se depara com uma situação desafiadora.

Nesse sentido, Sulzbach²³ afirma que o ambiente aquático proporciona momentos de experiências, no qual é necessário cultivar o contato e a comunicação, sendo possível obter relações afetivas, porém é necessário perseverança, visto que apesar de a criança autista mostrar interação com o professor, algo que não ocorre em relação aos seus colegas, não é sempre que demonstra vontade de relacionar-se. Diante do exposto, salienta-se a importância do lúdico que, segundo Lô e Goerl²⁴, é uma solução para tornar o ambiente prazeroso e motivador, proporcionando

conforto às pessoas autistas ou não, para que possam manifestar desempenhos enriquecidos e desenvolvimento relevante.

Conclusão

Por meio dos resultados encontrados, percebeu-se a importância da atividade física para as crianças autistas, visto que o trabalho realizado de forma lúdica proporcionou a elas um ambiente prazeroso, promovendo a integração das crianças autistas entre si e delas com a professora, o que para os autistas é um intenso desafio. Embora tenha sido constatada a dificuldade dos sujeitos autistas em relacionar-se com outras crianças autistas ou não autistas e com a professora, foi observada a possibilidade dessa interação, a qual necessita de muita paciência. Destaca-se que uma das limitações do estudo foi a não identificação do grau de autismo de cada criança.

Dessa maneira, constatou-se que a ludicidade foi a principal característica da aula de natação, evidenciando a alegria em algumas crianças, promovendo a integração entre elas, auxiliando o desenvolvimento de sua capacidade de socialização e lapidando o potencial de cada uma delas. Por fim, é válido ressaltar a importância da interação entre a prática aquática e o desenvolvimento biopsicomotor de indivíduos autistas, além da influência do papel lúdico em seu âmbito emocional.

Referências

1. Silva M, Mulick J. Diagnosticando o transtorno autista: aspectos fundamentais e considerações práticas. *Psicologia Ciência Profissão*. 2009;29(1):116-31.
2. Magliaro FCL, Scheuer CI, Assumpção Júnior FB, Matas CG. Estudo dos potenciais evocados auditivos em autismo. *Pró-Fono Revista de Atualização Científica*. 2010;22(1):31-6.

3. Matsukura TS. Aplicabilidade da Terapia Ocupacional no trabalho do autismo infantil. *Caderno Terapia Ocupacional da UFSCar*. 1995;6(1):1-24.
4. Almeida MA, Piza MHM, Lamônica DAC. Adaptações do sistema de comunicação por troca de figuras no contexto escolar. *Pró-Fono Revista de Atualização Científica*. 2005;17(2):233-40.
5. Lampreia C. A perspectiva desenvolvimentista para a intervenção precoce no autismo. *Estudos de Psicologia*. 2007;24(1):105-14.
6. Smeha LN, Cezar PK. A vivência da maternidade de mães de crianças com autismo. *Psicologia em Estudo*. 2011;16(1):43-50.
7. Galvão Filho T. A educação especial e novas tecnologias: o aluno construindo sua autonomia. *Revista Integração*. 2001;13.
8. Azevedo PH, Barros JF. O nível de participação do Estado na gestão do esporte brasileiro como fator de inclusão social de pessoas portadoras de deficiência. *Revista brasileira de Ciência e Movimento*. 2004;12(1):77-84.
9. Azevedo AMP, Moraes LC, Rodrigues LKS, Barbacena MM, Grisi, RNF. Os benefícios da natação para bebês de 6 a 24 meses. *Anais XI Encontro de Extensão e o XI Encontro de Iniciação a Docência na UFPB; 2008, João Pessoa, Brasil. João Pessoa, UFPB-PRG; 2008*.
10. Association of Swimming Therapy. *Natação Para Deficientes*. 2ª ed. São Paulo: Manole; 2000.
11. Picanço FAR. A piscina terapêutica e o portador de condutas típicas – uma proposta de intervenção psicopedagógica aliada ao meio aquático. *Psicopedagogia Online*. 2004.
12. Lô EM, Cunha, AS, Cortez M, Freitas B, Pioner R, Goerl DB. Intervenção motora aquática. *Anais X Salão de Iniciação Científica; 2009; Porto Alegre, Brasil; 2009*.
13. Darwin C. *A expressão das emoções no homem e nos animais*. São Paulo: Companhia das Letras; 2000.
14. Bardin L. *Análise de conteúdo*. Portugal: Edições 70; 2009.
15. Sanefuji W, Ohgami H. “Being-imitated” strategy at home-based intervention for young children with autism. *Infant Ment Health J*. 2013;34(1):72-9.
16. Sprovieri MH, Assumpção Júnior F. Dinâmica familiar de crianças autistas. *Arquivos de Neuro-Psiquiatria*. 2001;59(2).
17. Falkenbach AP, Drexler G, Werler V. A relação mãe/criança com deficiência: sentimentos e experiências. *Ciênc Saúde Coletiva*. 2008;13(suppl. 2):S2065-73.
18. Monteiro CFS, Batista DONM, Moraes EGC, Magalhães TS, Nunes BMVT, Moura MEB. Vivências maternas na realidade de ter um filho autista: uma compreensão pela enfermagem. *Rev Bras Enferm*. 2008;61(3):330-5.
19. Fernandes F. O corpo no autismo. *Revista de Psicologia da Vetor Editora*. 2008;9(1):109-14.
20. Pires DVG, Stefani MS, Viotto Filho IAT, Mastroianni ECQ. A ludicidade como proposta para o desenvolvimento de crianças autistas. *Anais 5º Congresso de Extensão Universitária da Unesp; 10-12 de novembro 2009; Águas de Lindóia, Brasil. Águas de Lindóia; 2009*.
21. Potvin MC, Snider L, Prelock P, Kehayia E, Wood-Dauphinee S. Recreational participation of children with high functioning Autism. *J Autism Dev Disord*. 2013;43(2):445-57.
22. Valicenti-Mcdermott M. Age at Diagnosis of autism spectrum disorders. *J Pediatr*. 2012;161(3).
23. Sulzbach AP. A representação emocional de uma criança com traços autistas em um projeto de psicomotricidade relacional em ambiente aquático. *Lecturas: EF y Deportes Revista Digital* 2009; 138.
24. Lô EM, Goerl DB. Representação emocional de crianças autistas frente a um programa de intervenção motora aquática. *Revista da Graduação*. 2010;3(2):1-19.